

EMPODERAMENTO E AUTOPERCEPÇÃO CORPORAL DOS JOVENS DE UMA ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL NO BAIRRO DA TERRA FIRME, BELÉM-PA

Lucival Seabra Furtado Junior¹; Maria do Socorro Castelo Branco de Oliveira Bastos²;
Lucas Fernando Alves Batista³; Gilson Guedes de Araújo Filho⁴; Igor da Silva Torres⁵

¹Graduando em Medicina, Universidade Federal do Pará (UFPA);

²Doutorado em Clínica Médica, UFPA;

³Graduando em Medicina, UFPA;

⁴Graduando em Medicina, UFPA;

⁵Graduando em Medicina, UFPA

lucivaljunior25@gmail.com

Introdução: A Universidade Federal do Pará (UFPA) tem como um dos propósitos, na formação do profissional médico, aproximar o acadêmico da prática clínica e da realidade do sistema público de saúde, sobretudo quando se trata da saúde voltada às comunidades(1). É nesse contexto que surge o incentivo à realização desse projeto, cuja temática abrange empoderamento e autopercepção corporal adolescente, acrescida da experiência, enquanto estudantes de Medicina, oriunda do acompanhamento da realidade do bairro da Terra Firme através das práticas na Unidade de Saúde da Família realizadas no curso, bem como pelas próprias experiências vividas. Nas visitas domiciliares e nos diversos reconhecimentos das microáreas contempladas pela Unidade, pudemos observar o grande número de jovens, sendo este mais um motivo para desenvolver atividades que possibilitem respostas aos inúmeros questionamentos que marcam essa fase da vida. Além disso, a mídia frequentemente impõe um padrão de beleza social não condizente com a diversidade das características físicas, podendo estimular mazelas durante a adolescência, como a submissão a “torturas” para atingir o corpo ideal, sendo assim, o comportamento social na juventude, a partir de influências dos meios midiáticos, um ponto importante a ser abordado(2). Referente à percepção do próprio corpo, esta não envolve somente a visão física do mesmo, mas abrange também atitudes, pensamentos, crenças, sentimentos e comportamentos em relação a si próprio e às outras pessoas(3). Ademais, essa questão pode ser abordada ao se analisar aspectos ativamente relacionados às informações suprarreferidas, como o baixo empoderamento adolescente, tabus criados a respeito da sexualidade e relação sexual, bem como o desconhecimento acerca de informações sobre estes. Finalmente, apresentar informações aos jovens torna-se algo necessário, pois desperta nos mesmos a reflexão sobre pontos importantes, transformando-os em protagonistas e possibilitando, assim, a busca por melhores decisões. **Objetivos:** Interferir positivamente na desconstrução de padrões de beleza socialmente impostos ao estimular a aceitação da pluralidade física e o empoderamento juvenil no bairro Terra Firme, bem como explicar o papel individual na promoção da saúde através da educação em sexualidade. **Descrição da Experiência:** A elaboração do projeto seguiu o Planejamento Estratégico Situacional e assim, foram selecionados problemas enfrentados pela referida população para o desenvolvimento de intervenções. A escolha dos mesmos se deu através da vivência local, por sete discentes do curso de Medicina, proporcionada por aulas práticas do curso. Com os problemas escolhidos, foi construída uma rede de causalidade e, após, selecionados os nós críticos (principais causas) a fim de se pontuar intervenções. Os nós escolhidos foram: deficiente orientação sobre autopercepção corpórea e baixa iniciativa familiar/profissionais capacitados em abordar tal assunto. Trata-se de um projeto realizado com 123 alunos, adolescentes, da Escola Municipal Maria Stellina Valmont, localizada no bairro da Terra Firme, em Belém do Pará. Como critérios de inclusão,

estabeleceu-se o correto e completo preenchimento dos dois questionários aplicados (inicial e final) e, ainda, a permanência durante todo o processo. Foram disponibilizadas quatro turmas – duas de oitavo e duas de nono ano –, de acordo com o horário vago de aula. Em cada, foi aplicada uma oficina constituída por três etapas. Na primeira, aplicou-se um questionário aos alunos e, posteriormente, apresentou-se um vídeo introdutório sobre sexualidade; na segunda, foram disponibilizadas flores de papel com inúmeros formatos e cores, e os adolescentes deveriam escolher a flor que melhor representasse a sua sexualidade e sua forma de relacionar-se com o mundo. Com o término, a turma foi dividida em subgrupos para o desenvolvimento de rodas de conversa acerca do tema. Na última etapa, aplicou-se um questionário semelhante ao primeiro para comparação das respostas. **Resultados:** Participaram da pesquisa 123 alunos dos quais 23, por não atenderem aos critérios de inclusão, tiveram os questionários excluídos. Grande parte dos alunos (82%) nunca havia participado de seminário, curso ou palestra sobre sexualidade, autoimagem e autopercepção corpórea, o que sugere baixo grau de conhecimento acerca do tema. Esses dados são preocupantes, pois o adolescente sofre influências de inúmeras fontes externas, como da mídia, e constrói, muitas vezes, conceitos e explicações fantasiosas e errôneas referentes a percepção corpórea. Todas essas questões são levadas pelo aluno à escola e assim, cabe a esta estimular ação crítica, reflexiva, educativa e elucidativa. Após a roda de conversa, 82% dos estudantes sabiam conceituar empoderamento e 90% relataram haver diferença entre orientação sexual e orientação de sexualidade. Comparando com dados do primeiro questionário, houve aumentos respectivos de 74% e 11%. Com isso, ressalta-se que fornecimento de informações aos adolescentes é imprescindível ao seu desenvolvimento, pois o conhecimento é capaz de tornar-se uma ferramenta de alteração das estruturas sociais nas quais estão inseridos, podendo ser uma oportunidade única de mudança no rumo da própria vida, e da vida coletiva(4). Quando questionados sobre a influência da família e escola sobre a sexualidade, houve aumento de 45% para 64% dos alunos que reconheciam tal influência. Em paralelo, apenas 52% dos estudantes informaram debater com os pais o tema aqui abordado. Muitos pais ainda consideram esse tema como um tabu e repudiam a sua abordagem em casa. Tornar-se alheio ao assunto, entretanto, poderá trazer mazelas, pois é na adolescência que estão presentes inúmeras dúvidas e questionamentos, e cabe também à família introduzir e amadurecer informações sobre a sexualidade. Ademais, o número de participantes que conhece alguma adolescente grávida é 75%. Por fim, ao analisar a felicidade em relação ao próprio corpo, numa escala de 1 a 5, ambas as turmas demonstraram estar felizes, mesmo antes da roda de conversa, com evolução de 4,08 para 4,29 na média após a conversa. Essa aceitação do próprio corpo proporciona felicidade e bem-estar, além de privar o aluno de sofrimentos gerados pela busca incessante do corpo perfeito, como dificuldades na relação interpessoal, angústia e exclusão social(5). Os achados desse trabalho demonstram, então, adolescentes que já conseguem filtrar informações e influências das inúmeras as quais são bombardeados diariamente. **Conclusão ou Considerações Finais:** Todas as atividades realizadas obtiveram êxito, visto a alta aceitação e participação dos estudantes, possibilitando o exercício do pensamento crítico, reflexão e autoanálise a respeito de temas inerentes à fase de vida em que se encontram. No mais, esse trabalho demonstra o quão é imprescindível a promoção da saúde em outros ambientes, como na escola, para sanar dúvidas comuns presentes na população. Reiteramos, por fim, a importância da prática de educação em saúde nas escolas, visto que os resultados positivos obtidos no presente trabalho confirmam o impacto desta prática sobre a vida do estudante adolescente.

Descritores: Empoderamento, Autoimagem, Adolescência.

Referências:

1. Universidade Federal do Pará. Projeto Pedagógico: Medicina. Belém, 2010.
2. Amoras M, França R. Narrativas juvenis sobre ser jovem na terra firme. Rev Fragmentos de Cultura [periódico na Internet]. 2017 [acesso em 30 de Ago 2017]; 27(1): [aproximadamente 12 p.]. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/5450/3040>.
3. Pereira EF, Teixeira CS, Gattiboni BD, Bevilacqua LA, Confortin SC, Silva TR. Percepção da imagem corporal e nível socioeconômico em adolescentes: revisão sistemática. Rev pau pediater. 2011; 29 (3): 423-9.
4. Campos ACV, Borges CM, Lucas SD, Vargas AMD, Ferreira EF. Empoderamento e qualidade de vida de adolescentes trabalhadores assistidos por uma entidade filantrópica de apoio ao adolescente. Saúde Soc. 2014; 23 (1): 238-250.
5. Schmitt S. A mídia e a ilusão do tão desejado “corpo perfeito” [monografia na Internet]. 2013 [acesso em 12 de Set 2017]. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0693.pdf>.